

Das dores às flores

Aos 85 anos, a candanga Ignez Carraca trabalha como voluntária no maior e mais antigo centro médico da capital do país. Com amor e dedicação, ela ajuda a construir a história da instituição

» FLÁVIA MAIA

Quando veio de Juiz de Fora (MG) para Brasília, a candanga Ignez Gomes Carraca levou a sério a tarefa de construir a capital da maneira mais bonita possível. Na companhia do marido, convidado por Israel Pinheiro a trabalhar como eletrotécnico na equipe que coordenava, e de três filhos, de 6, 4 e 2 anos, ela desembarcou na cidade em 1961. "Lembro-me dos redemoinhos de poeira que sujavam as roupas limpinhas no varal", relata, em referência ao acampamento na Vila Planalto onde foi morar com a família.

Pioneira por natureza, Ignez se graduou em direito, na primeira turma do curso no UniCeub, e foi aprovada em um até então inédito concurso público do GDF. Quando se aposentou, há 20 anos, decidiu trabalhar como voluntária no hospital onde deu à luz pela quarta vez. "O Hospital de Base era o único que oferecia essa possibilidade na época. Os médicos acreditavam em um sistema de saúde melhor. Por isso, a instituição se tornou referência. Os equipamentos

eram todos importados", recorda.

Ignez enxerga o Hospital de Base de uma forma diferente da relatada nas páginas dos jornais. Ela acha ruim quando lê críticas à instituição, pois conhece de perto o cotidiano do maior e mais antigo centro médico do Distrito Federal, inaugurado no

mesmo ano em que ela chegou à cidade. Quando a voluntária vê macas com pacientes no corredor do pronto-socorro, não se queixa. "Todos estão medicados, é que a demanda é muito grande", justifica.

O atendimento às cidades-satélites e a pacientes de Goiás,

Bahia e Minas Gerais causa a superlotação. "Pode ver as ambulâncias da porta, muitas são de outros estados." Atualmente, o Hospital de Base realiza 600 mil atendimentos anuais no pronto-socorro e no ambulatório.

Da janela da farmácia do centro de saúde, Ignez, aos 85 anos,

mostra, orgulhosa, a área de convívio reformada ainda no ano passado. O pátio com flores, os bancos de concreto, uma capelinha e um parquinho para as crianças são usufruídos pelos pacientes e melhoram a qualidade de vida de todos. Subindo um pouco o olhar, a pioneira vê

também o adensamento da cidade. Os prédios dos Setores Comercial e Bancário Sul sombream o hospital de 12 andares, único edifício da redondeza no início da capital. "Parece um sonho ver a cidade assim, eu vi cada palácio, cada prédio sair daquela poeira horrrosa", conta.

No início do voluntariado no Hospital de Base, Ignez trabalhava no bazar, mas achou muito parado. Por isso, decidiu ajudar na psiquiatria.

Hoje, encontra vários pacientes pelas superquadras e eles a cumprimentam. Alguns ligam no aniversário e no Natal para felicitá-la. Essas demonstrações de reconhecimento e afeto fazem a voluntária valorizar cada segundo no hospital. "Outro dia, vi um paciente com uma sacola na mão. Ele tentou esconder de mim, mas vi a cerveja. Eu disse: tome jeito!"

Como típica candanga, Ignez não aguenta de saudades quando sai de Brasília para visitar as irmãs em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Aqui moram os quatro filhos, os 11 netos e os quatro bisnetos. "Eu compro camisinha para o meu bisneto de 20 anos, mas estou quase arrependida. Seria ótimo se eu tivesse um tataraneto também nascido aqui", brinca.

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



"Parece um sonho ver a cidade assim, eu vi cada palácio, cada prédio sair daquela poeira horrrosa"